

Artigos

Pegue cinco: um punhado de elementos essenciais para o desenvolvimento em TCI*

Alfonso Gumucio Dagron**

A ponta da lança

As novas Tecnologias de Comunicação e Informação, especialmente a Internet, têm apresentado nesses últimos dez anos desenvolvimento extraordinariamente rápido. Desde 1995 os usuários da Internet têm dobrado a cada ano. Fazendo-se comparação, nenhuma outra tecnologia da informação e da comunicação se desenvolveu tão rapidamente no passado. O rádio, até que se tornasse o mais importante meio de comunicação para muitas comunidades, levou várias décadas para penetrar nas isoladas e pobres áreas rurais do mundo, outro tanto até que se tornasse o mais importante meio de comunicação para muitas comunidades marginalizadas. A televisão ainda se esforça por atingir a periferia, valendo-se de um instrumental de cabos e satélites, embora o vídeo portátil tenha provado sua eficácia na esfera educacional. A Internet, graças a seus méritos, tem estado na moda e vem recebendo volumosos incentivos tanto do setor público, quanto do privado, para que se torne a 'ponta

* Texto recebido em junho de 2003 e logo indicado para publicação. No original: *Take five: a handful of essentials for ICT in development*. A tradução é de Ailton Benedito de Sousa.

** Alfonso Gumucio Dagron é especialista em desenvolvimento da comunicação, escritor e produtor de filmes na Bolívia, com experiência na África, Ásia, América Latina e Caribe. É autor de vários textos sobre cinema e comunicação, além de outras narrativas em prosa e verso. Entre suas publicações mais recentes: *Making wave: story of participatory communications for social change* (2001); *Popular theatre* (1994); *Conservation, desarrollo y comunicación* (1990); *Comunicación alternativa y cambio social* (1990); *Las radios mineras de Bolívia* (1989).

de lança' de uma revolução cultural que exige ser considerada como uma revolução social. Comprovaremos até que extensão podemos aceitar essa proposição.

Simbiose

A mais importante e inquietante questão relativa à rápida expansão das novas tecnologias da informação e da comunicação nos países do Terceiro Mundo¹, não é a Internet em si, mas o potencial de sua interação com outros meios eletrônicos, como o rádio e, por fim, a televisão. Esta convergência é, não resta dúvida, a melhor opção para o futuro, considerando que as novas TCI estão aqui para ficar. Tecnologias apoiadas pela Internet se beneficiarão da experiência de 50 anos de rádio, e poderão vir a se tornar o instrumento para a mudança social que se espera que elas venham a se tornar. Do mesmo modo, o rádio e a televisão com certeza se beneficiarão da velocidade e alcance oferecidos pelas novas TCI. Esta simbiose já está mudando a compreensão de desenvolvimento tecnológico nos países industrializados, mas os conceitos sociais em que deveria estar embebida ainda estão em retardo.

O rádio é de longe a mais poderosa ferramenta de comunicação para o desenvolvimento, especialmente no contexto rural. No âmbito de dispersas e remotas áreas geográficas, não é somente um importante mecanismo para a difusão de informação para o desenvolvimento nas línguas locais. É também um efetivo instrumento para o fomento e reforço de expressões culturais e relativas à identidade étnica. Mais ainda, pode tornar-se uma plataforma para a discussão democrática e expressão pluralística de ideais e aspirações de comunidades rurais, como também um meio para levantar o nível de conscientização sobre temas sociais, provendo dados sobre temas

¹ Insisto no uso da expressão Terceiro Mundo em lugar de "países em desenvolvimento", expressão em voga para referir países que realmente têm regredido em termos de desenvolvimento econômico e social.

de desenvolvimento local. O rádio pode contribuir para resgatar o orgulho local através da re-atualização, ou resgate, da memória e história da comunidade.

Podem as TCI's fazer o mesmo? Se vierem com o objetivo de contribuir de maneira sustentável para a mudança social e o desenvolvimento, não só podem, como devem.

O campo de sonhos das TCI's

As novas tecnologias da comunicação e da informação têm sido saudadas como a solução há muito esperada contra a pobreza do mundo. Algumas organizações, excessivamente otimistas ou não versadas com as experiências em curso nesse campo, estão mesmo falando sobre a "dramática oportunidade de dar um salto impulsionado (*leap-frog*) para o futuro, superando décadas de estagnação e declínio".² O argumento é que as TCI's podem facilmente veicular aos marginalizados, pobres e subdesenvolvidos, verdades sobre desenvolvimento e informação que os iluminarão para que dêem, por si mesmos, os passos que melhorarão sua condição.

Assim, as TCI's são vistas como o fogo do conhecimento, graciosamente trazido aos condenados do mundo pelos 'Prometeus' dos países industrializados.³ Contudo, esses novos 'Prometeus' deviam saber que sua tentativa é bem similar à fracassada tendência de "difusão de inovações" que esteve em moda nos anos 60, especialmente no mundo do desenvolvimento agrícola. O conceito é o mesmo: proporcionados meios tecnológicos às comunidades marginalizadas, e os povos serão libertados da pobreza. Simplesmente a coisa não funcionou assim. Conforme Kunda Dixit escreve:

² The World Bank: *Increasing Internet connectivity in Sub-Saharan Africa*, 1996.

³ Gumucio Dagron, Alfonso: Prometheus riding a Cadillac: telecentres as the promise flame of knowledge. *Journal of development communication*, n.2, v. 12, Dec. 2001: 85-93.

*“Como negócio da moda, o debate sobre o desenvolvimento do Terceiro Mundo parece seguir receitas, modas e estilos. A mais recente ‘arenga’ é a palavra conhecimento. O mundo agora é chamado de Sociedade do Conhecimento – é o que nos dizem – e o hiato global entre conhecer e não conhecer está crescendo, diante do que o único meio de dar aos pobres a chance de redução desse gap é bombeando mais conhecimento com computadores e por meio da Internet”.*⁴

Entre os riscos, acrescenta Dixit, está o fato de que os *knowledges hyper* (isto é, os textos ou estruturas digitais de conhecimento), podem nos estimular a considerar como dignos de atenção apenas os sistemas modernos de conhecimento formal.

Um pouco de perspectiva histórica podia nos ajudar a evitar os mesmos velhos erros, e a melhor entender as profundas raízes da pobreza: as causas verdadeiras do subdesenvolvimento são injustiça social, exploração dos países pobres pelos países ricos, paralelamente à exploração dos pobres no âmbito de cada país pelas ricas altas classes que controlam o governo, as instituições financeiras, os serviços e o setor produtivo. Conhecimento por si só não muda esta situação.

“Se você construí-lo, eles virão.”⁵ No ‘campo dos sonhos’ dos promotores de TCI o quadro é algo mais simples: as tecnologias da comunicação e da informação e a conectividade com a Internet, de *per se*, são a solução para a pobreza e o subdesenvolvimento. Coloque computadores e conectividade ao alcance dos pobres e eles então, magicamente, derrotarão a pobreza. Alguns consultores internacionais sentem-se bem quando chegam ao mais isolado vilarejo do Málí ou da Bolívia com um *lap top* embaixo do braço, só para mostrar a telinha mágica em ação, do mesmo modo como os espanhóis usavam espelhos reluzentes para dobrar os incas ou os astecas durante a conquista da América.

No processo de geração de idéias – ou de sua apropriação – acadêmicos, feiticeiros do comércio, conselheiros em desenvolvimento

⁴ Kunda Dixit: “Exiled in Cyberia”

⁵ Hoje uma sentença clássica, tirada do filme hollywoodiano *Field of dreams*.

na Europa e na América do Norte, todos se aprezem em inventar novos acrônimos (siglas) e palavras sonoras, geralmente para renomear o que já existe. Hoje estamos no meio da moda de colocar um 'e' (para eletrônico) antes de qualquer substantivo: e-comércio, e-saúde, e-educação, e-atendimento, e-governo, e-mail (e não e-correio), e-fórum, e-grupos.... Tem-se ido tão longo a ponto de se introduzir e-desenvolvimento. Peter Ballantyne sugere que o 'e' devia representar 'efetivo', 'empowered' e 'eficiente':

"Em vez de se pensar em e-Desenvolvimento como algo eletrônico – desenvolvimento que é digital – nós devíamos ver 'e-Desenvolvimento' como um diferente e melhor approach na promoção do desenvolvimento, em que 'e' significasse efetivo. – Efetivo desenvolvimento resulta do uso de TCI's no fomento da qualidade e do grau de responsabilidade no atendimento às demandas de uma ação de desenvolvimento, garantindo que metas e objetivos sejam realmente alcançados".⁶

Desenvolvimento é muito mais complexo que plantar as sementes de TCI em áreas rurais pobres ou em comunidades urbanas marginalizadas. Se fosse simples assim, nós não teríamos visto os dramáticos acontecimentos na Argentina no início de 2002. Um país bem desenvolvido, na linha de frente da adoção das TCI's e com um bom sistema telefônico e serviço de eletricidade, está no meio de uma profunda crise econômica e social, retrocedendo em vez de estar dando o *salto* impulsionado para o futuro. As TCI's não são solução mágica para qualquer coisa, muito menos no mundo globalizado para o qual estamos sendo dragados.

Não é a primeira vez que somos confrontados pela idéia de que a tecnologia é uma panacéia para a mudança econômica e social. Aqueles que têm estado em sintonia com questões de desenvolvimento durante os passados 30 anos, conheceram muito bem a pré-

⁶ Peter Ballantyne: "e-Development: what's in a name?. Em www.iconect-online.org, 14/12/2001.

via onda de 'difusão de inovações', pela qual os países subdesenvolvidos magicamente iriam-se juntar ao mundo industrializado pelo uso de tecnologia moderna graciosamente proporcionada por agências internacionais. Por trás dessa receita estava a assunção de que o conhecimento é privilégio das nações industrializadas e os países do Sul não tiveram dele o suficiente. Só podia ser tão simples no 'campo dos sonhos' daqueles que pouco sabem a respeito da realidade dos países do Terceiro Mundo, mas pensam que sabem o que é melhor para eles.

Com o risco de repetir algo que todo mundo já sabe, devíamos lembrar aos promotores das TCI's que quando tratamos de tecnologia estamos apenas manuseando instrumentos, não estamos de *per se* afetando os ambientes social, econômico ou cultural. Uma faca é uma faca, um instrumento que pode ser usado para ferir alguém ou para esculpir uma bela escultura em madeira. Conteúdos e padrões de utilização é que fazem a diferença. Poucas organizações como a IDRC* reconhecem isso e promovem uma visão social das TCI's.

*"É claro que as TCI's não são uma condição suficiente nem necessária para o desenvolvimento. Contudo, é também evidente que as TCI's, primeiramente impulsionadas por interesses comerciais, chegaram para ficar. Desse modo, faz-se urgente que uma visão social que ponha a Internet a serviço do desenvolvimento seja fortalecida. A visão social proposta jaz em quatro elementos principais: 1) ultrapassar, ir além da conectividade; 2) promover ambientes favoráveis; 3) minimizar ameaças e riscos; e 4) maximizar resultados positivos. Na visão social proposta, as TCI's não são inerentemente necessárias ou benéficas. O desafio é, precisamente, ser capaz de dizer quando e sob que condições a Internet pode contribuir para o desenvolvimento."*⁷

Mesmo Bill Gates sabe que não é questão de empurrar computadores para dentro dos países em desenvolvimento; em 2001, o líder da Microsoft Corporation reconheceu publicamente que servi-

* International Development Research Centre – Centro Internacional de Pesquisa sobre o Desenvolvimento, organização criada pelo Parlamento canadense em 1970. NT.

⁷ Ricardo Gomez & Juliana Martínez: *Internet... para quê?*, IDRC e Fundación Acceso, 2001.

ços básicos de saúde e imunização são de longe mais prioritários que computadores e interconectividade via Internet.

Não obstante as ponderações acima, não nos esqueçamos de que a maioria das experiências relativas a TCI nos mais baixo níveis da população (*grassrooters*) têm menos de cinco anos. É muito cedo para cantar vitória e muito mais cedo para descartá-las, mas não tão cedo para questioná-las e assegurar-se de que elas serão sustentáveis – para o benefício das comunidades após a retirada dos incentivos externos.

Prioridades de desenvolvimento devem ser analisadas com espírito aberto pelos beneficiários – antes que se decida que tipo de tecnologia é apropriada, onde e como. As comunidades deviam adaptar as tecnologias às suas necessidades e cultura, não o oposto. Do modo como está ocorrendo hoje, as TCI's nos países do Terceiro Mundo são apenas experimentos com potencial. Uma coisa é o que está escrito nas propostas bem intencionadas dos projetos e relatórios triunfantes dos doadores: outra coisa é o que está realmente acontecendo no nível da comunidade.

Digitais, sejam algarismos, sejam guerras, dividem (e dominam)

Os digitais dividem, separam: os '1' separados dos '0'... Norte e Sul? Quem são os 'zeros'? Estão os 'zeros' à esquerda? Ricos e pobres. Onde exatamente está a rachadura da divisão? É ela realmente digital? Quão profunda é a divisão? Que dígitos estão dominando o mundo? Para quem é essencial terminar a divisão digital? Quem se beneficiará disso?

Quase todo mundo agora concorda que a chamada *digital divide* (brecha digital) é um falso problema, apenas uma falaz manifestação de outras exclusões que nos têm acompanhado por décadas. Já em 1995 a redação de *Panos* assim formulava essa questão: Pobreza, em termos de informação, acrescentou-se aos muitos outros hiatos que separam, do rico Norte, os países em desenvolvimento."⁸

⁸ The Internet and the South: super-highways or dirty-track?, *Panos Media Briefing*, n. 16, outubro, 1995.

Esse tópico está a requerer muito mais reflexão. Reflexão e pesquisas com propósito: pesquisa como um processo, em constante diálogo com os participantes no desenvolvimento de novas experiências de TCI, deste modo contribuindo para o saber, inclusive fazendo a correção de eventuais problemas.

Para guerras digitais – como também para guerras convencionais – os pequenos países gastam mais do que podem a fim de comprar tecnologia moderna (ou armamentos) de países industrializados interessados em manter essas guerras para sempre. E isso é bom para a economia (deles).

A *world wide web* tem mais de um bilhão de páginas. Onze bilhões de correios eletrônicos são expedidos todos os dias. Impressionante, não? Contudo, de 60 a 80% da população do mundo jamais fizeram uma ligação telefônica.⁹

A exclusão jamais foi somente digital ou tecnológica. É uma fratura social, econômica e política. Uma rápida olhada em alguns cartões postais do Sul:¹⁰

- Cerca de 20% da população mundial vivem com menos de 1 dólar por dia.
- As cidades ocupam 2% da massa de terra do Planeta: contêm 50% de sua população, consomem 75% de seus recursos e produzem 75% de seus resíduos.
- Em 1996, um cidadão dos EUA era responsável por produzir um volume de gases de efeito estufa igual ao de 19 indianos, 30 paquistaneses ou 269 nepaleses.
- Cerca de 2,4 bilhões de pessoas vivem sem saneamento básico. Dois milhões, em sua maioria crianças, morrem a cada ano de diarreia. Um milhão morrem de malária.

⁹ Como de costume, as estatísticas mundiais diferem, dependendo das fontes.

¹⁰ Principais fontes: *The communication initiative*: <http://www.comminit.com/BaseLineArchives>; *UNDP Human Development Report, African Development Forum*.

- 70% dos 1,2 bilhão de pessoas vivendo em pobreza são mulheres. Em média, as mulheres são remuneradas entre 30 e 40% menos que os homens em trabalhos comparáveis.
- As mulheres produzem entre 60 e 80% dos alimentos na maioria dos países em desenvolvimento e esta percentagem está crescendo. As unidades agrícolas de mulheres recebem apenas 5% dos serviços de extensão agrícola oferecidos em todo o mundo

Neste contexto de injustiça de natureza econômica, social, política e de gênero, não é surpreendente que:

- A teledensidade na China é de 1,7 por 100 pessoas; na Índia, 0,8 – para mencionarmos apenas dois imensos países.
- Nas áreas rurais dos países em desenvolvimento, a teledensidade é menor que 0,1%.
- Apenas 6% da população mundial usam a Internet.
- 90% dos usuários da Internet estão nos países industrializados.
- Usuários da Internet na África e no Oriente Médio juntos constituem apenas 1% da totalidade dos internautas mundiais.
- Em Londres há mais contas da Internet do que em toda a África.
- Os EUA têm mais computadores que todo o resto do mundo.
- O Sul da Ásia, com 23% da população mundial, tem menos que 1% dos usuários mundiais da Internet.
- Mais de 40% dos lares nos EUA têm acesso à Internet
- Apenas 0,005% da população de Bangladesh usam a Internet.
- O equivalente a 52% dos usuários mundiais da Internet são não-falantes do inglês.
- Em muitos países do Terceiro Mundo, leva-se um ano ou mais para que se possa ter uma linha telefônica, em muitos disponíveis apenas nas áreas urbanas.
- O custo de uma hora de uso da Internet no Chad é de US\$ 10,50, frente ao Produto Doméstico Bruto *per capita* que é de US\$ 187,00.
- O custo médio mensal de serviços de Internet na África é equivalente a US\$ 240,00. Nos EUA é de cerca de US\$ 20,00.

- Um computador custa ao cidadão médio de Bangladesh mais do que oito anos de renda, comparado com o salário de um mês para o cidadão médio norte-americano.

Sustentabilidade: tracemos a linha

A letra 'S'¹¹ enquanto uma sigla, uma palavra, hoje para muitos seria de baixo calão, trazendo certo desconforto. Já estamos cansados de ouvir burocratas exigindo provas de sustentabilidade a incipientes projetos de TCI. De repente, sustentabilidade é uma questão submetida a centenas de iniciativas independentes, enquanto as mesmas agências continuam a apoiar imensos projetos de desenvolvimento que têm engolido milhões por várias décadas com resultados quase nulos: elefantes brancos parindo camundongos cegos. Se voltarmos nosso pensamento para esse fato, aquelas pesadas organizações de desenvolvimento que freqüentemente se constituem em acerbos críticos de pequenos projetos dessa ou daquela ong, também não são sustentáveis: existem em função do constante fluxo de fundos de fora (geralmente dos contribuintes) que apoiam e sustentam suas burocracias. Com que direitos retira alguém um certificado de sustentabilidade de projetos de TCI que tenham apenas três anos?

Gostaríamos de sugerir uma compreensão completamente diferente para a questão da sustentabilidade; uma que vá além dos critérios exclusivamente financeiros. O conceito de sustentabilidade financeira – para a exclusão de outras formas de sustentabilidade – nos está sendo imposto pelas mesmas forças que nos empurram a privatização da educação e da saúde, os promotores das políticas neoliberais que consideram que nenhum serviço social deveria ser oferecido quer isento de um preço, quer por intermédio da responsabilidade do Estado, e que insistem que toda atividade humana devia ser regulada pelas leis do mercado.

¹¹ Steve Cisler já vem usando a expressão há alguns anos.

Muitos critérios para avaliar os telecentros até hoje parecem restritos ao 'sucesso' financeiro. O indicador básico continua a ser: se um telecentro ou estação de rádio produz dinheiro, então é sustentável. Nenhuma consideração sobre sustentabilidade social ou acerca dos impactos nos processos de mudança social. Por que se medem projetos de comunicação social criados para contribuir para o desenvolvimento das comunidades com os mesmos critérios com que medimos os *cybercafés* comerciais?

Que um telecentro ou uma estação de rádio comunitária seja auto-sustentável em termos de recursos, não nos diz nada sobre sua contribuição para a mudança social e para o desenvolvimento. Eu não louvo um projeto de comunicação comunitário só porque está rendendo dinheiro.

Sustentabilidade se refere a um amplo espectro de questões. Olhemos, por exemplo, a questão da propriedade: a propriedade comunitária é a chave para a sustentabilidade de um projeto comunitário de comunicação. Contudo, esta propriedade pode apresentar várias facetas. A posse de um título legal sobre o empreendimento é uma dessas, mas não suficiente para garantir a sustentabilidade. São igualmente importantes questões como a responsabilidade gerencial, o controle sobre o conteúdo e voz quanto ao futuro do projeto. Propriedade comunitária sustentável requer que a comunidade tenha propriedade legal, mas que também esteja preparada para assumir responsabilidade sobre o projeto em função de ter internalizado o senso de propriedade.

Esse pode ser um processo mais longo, como o próprio processo de desenvolvimento. O componente TCI, como qualquer outro componente em comunicação, devia desenvolver-se em paralelo com o processo de desenvolvimento econômico, não isolado deste. A interação entre participação comunitária, infra-estrutura técnica para o desenvolvimento e os instrumentos de comunicação e de conhecimento, saber, vai definir o sucesso ou fracasso de um esforço particular de desenvolvimento da comunicação. A compreensão desse processo está faltando em muitos dos que insistem em urgentes provas

de sustentabilidade econômica. Precisamos reconhecer o 'passo' do desenvolvimento num contexto particular, em vez de impor o 'passo' institucional das agendas das agências de financiamentos.

Devemos ser coerentes com nós mesmos. Se queremos que desenvolvimento e mudança social sejam a principal força impulsionadora das TCI's, então devemos incluí-las nas mesmas categorias como as instituições culturais e educacionais que estão sob a responsabilidade da sociedade como um todo e sob a dos governos e dos Estados, em particular. Como estradas que ligam lugares e países, as *information highways* são, também, uma responsabilidade dos Estados. Do mesmo modo que os governos mantêm bibliotecas públicas, deviam fazer o mesmo com as TCI's desde que almejem proporcionar conhecimento útil ao desenvolvimento e à educação. Nem mesmo os mais entusiastas proponentes da privatização insistem que as bibliotecas públicas devam ser auto-sustentáveis. Projetos comunitários de TCI são nossas bibliotecas públicas modernas, desse modo deviam receber o mesmo tipo de apoio.

Examinemos agora nosso punhado de condições não negociáveis para as TCI's no desenvolvimento.

1. A PROPRIEDADE COMUNITÁRIA

Problemas

Uma rápida avaliação do grande número de experiências baseadas na Internet, nos últimos anos levadas à prática, especificamente os chamados '*telecentros*', *public cabins*, *telecottages*¹² *telehuts*, *digital centres*, *information kiosks*, *infocentros*, *infoplazas*, *information shops*, *community multimedia centres*¹³, *village knowledge centres*¹⁴ – entre outras

¹² As *telecottages* aparecem inicialmente durante os anos 80 na Escandinávia. O termo é correntemente usado em alguns países da Europa Central e Oriental.

¹³ Estes têm sido criados com o apoio da Unesco na Europa Central e Oriental, além de em vários países da Ásia e da África.

¹⁴ Este é o nome dado pela M.S. Swaminathan Research Foundation (MSSRF), de Chennai, na Índia, a seus telecentros.

denominações¹⁵, mostram que a maioria deles foi iniciada com pouca consideração à participação da comunidade e à propriedade. A competição entre organizações, quer públicas, quer privadas para 'conectar' países subdesenvolvidos tem resultado na 'descida' de milhares de computadores em áreas onde não são disponíveis nem eletricidade nem água potável.

Uma avaliação das TCI's para o desenvolvimento conduzida pela FAO em 2001 revelou que a maioria dos projetos é levada à prática sem qualquer consulta às comunidades. Entre seus achados:

- foi encontrado apenas um pequeno número de iniciativas de TCI dirigidas às comunidades, e essas tinham visibilidade mínima;
- avaliações quanto a condições de participação são raramente levadas a efeito anteriormente à criação dos telecentros;
- a ênfase recai mais sobre o proporcionar acesso do que sobre meios inovadores para a aplicação de TCI's às necessidades específicas das comunidades e grupos locais;
- a prioridade de muitos projetos de TCI tende a ser influenciada mais pelos interesses de organizações externas do que pelos de organizações baseadas na comunidade;
- os campos temáticos geralmente se concentram em assuntos relacionados ao mercado;
- há falta de participação local na criação do conteúdo e seleção dos instrumentos de TCI;
- Em muitos telecentros, computadores estão disponíveis, mas há falta de consciência. Habilidades em TCI e de alfabetização estão entre os obstáculos ao processo de apropriação local.¹⁶

Certos governos de países do Terceiro Mundo iniciaram uma 'cruzada' para estabelecerem conectividade com a Internet em nível

¹⁵ Muitos desses são meros *cyber-cafés*, e *commercial ventures*.

¹⁶ Michiels, Sabine & van Crowder, Loy: "Local appropriation of ICT", FAO 2001, in <http://www.fao.org/sd?2001/KN0602a-em.htm>

nacional como um atalho para a modernização. É triste notar que os mesmos governos não conduziram qualquer cruzada no passado para proporcionarem distribuição de água potável ou estradas às mesmas isoladas e pobres comunidades. Contudo, TCI's estão na moda e os governos podem dispor de financiamento externo para levar adiante sua cruzada eletrônica a partir do argumento de que conectividade é a chave para o desenvolvimento.

Todos temos ouvido sobre projetos de TCI que foram 'duplicados' após um ou dois anos porque as companhias foram roubadas ou se deterioraram tão rapidamente que o equipamento necessitou ser substituído. Isto tem maior probabilidade de acontecer em comunidades que não têm o senso de propriedade sobre o projeto e não sente que as instalações são essenciais a seu desenvolvimento econômico e social. Não é uma questão de supervisão externa (embora ela possa ajudar), mas uma questão de consciência comunitária e de apropriação social do projeto.

Desafios

O envolvimento das comunidades em projetos de TCI que sejam levados à prática para seu benefício, ou outro projeto objetivando o desenvolvimento econômico e social, é a primeira pré-condição não negociável.

Nesta área há muito a aprender da experiência da rádio comunitária. Não podemos alardear mudança social sem a participação da comunidade, e isso deveria ter lugar a partir das primeiras discussões sobre o potencial de proporcionar apoio de TCI a uma região particular. Certamente não basta discutir com as autoridades governamentais ou mesmo com as autoridades locais. Isso pode parecer um bom atalho para fazer as coisas 'rolarem', mas a 'síndrome do atalho' que caracteriza alguns dos promotores de TCI pode causar mais malefícios que benefícios. Isso não é uma corrida de 100 metros onde velocidade é tudo de que se precisa. É mais parecido com uma mara-

tona e você jamais a finalizará, se gastar toda sua energia nos primeiros 100 metros. Nas palavras de Simon Batchelor:

‘Acaba de ser reconhecido por muita gente que trabalhar do exterior para o centro é uma receita para programas sem sustentabilidade. Programas que consideram a capacidade local começam do centro e planejam para o exterior. Contudo, parece que vários programas e projetos de TCI começam a partir da superfície externa da ‘cebola’ e, com uma reconhecida necessidade geral de informação e comunicação, agências externas introduzem recursos significativos. Instalam-se computadores, ‘deita-se’ infra-estrutura, sendo alguns salários deferidos para o ‘chute’ inicial do custo do processo de cobertura¹⁷.

Quanto a quaisquer outros programas de desenvolvimento, um projeto de TCI ou de rádio comunitária deveria ser primeiramente discutido e analisado com os representantes das comunidades. Um bom começo seria perguntar a eles se estão interessados ou não. Muitas comunidades rurais ou mesmo urbanas podem preferir dispor de distribuição de água potável e eletricidade antes que de computadores.¹⁸ Se as lideranças comunitárias representam um amplo espectro de segmentos sociais (jovens, mulheres, líderes tradicionais, provedores de serviços, autoridades locais etc.), acreditam que as TCI's são importantes, a discussão devia se concentrar em como desenvolver o projeto e particularmente qual será o papel e as responsabilidades da comunidade.

A comunidade pode doar a terra e assumir a responsabilidade por construir e manter a infra-estrutura para abrigar os computadores e/ou a estação de rádio; pode proporcionar voluntários para a

¹⁷ Simon Batchelor: "Ict capacity development issues", at: <http://www.gamos.demon.co.uk/sustainable/tfoa2/tfoa2.htm>

¹⁸ No noroeste da Romênia, CREST – uma ong, estabeleceu, como princípio, não começar uma nova *telecottage*, a não ser que a comunidade realmente a queira e esteja pronta para participar com algum apoio financeiro ou de recursos humanos.

administração do projeto. Temos visto isto acontecer no passado com estações de rádios comunitárias, tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas. Se olharmos a partir da perspectiva da sustentabilidade, de um ponto de vista que não esteja restrito à geração de renda, descobriremos que o envolvimento comunitário e o desenvolvimento de um senso de propriedade sobre o projeto também será a melhor garantia para a segura manutenção dos equipamentos e de sua operacionalidade.

Há a oportunidade de se contribuir para o processo de organização da comunidade através de projetos de TCI com estação de rádio ou outro qualquer projeto de comunicação que verdadeiramente objetive 'centelhar' o processo de mudança social. Um comitê composto de representantes de vários setores sociais poderia ser formado para supervisionar as atividades do centro *multimedia*.¹⁹ Atenção deveria ser dada no sentido de impedir que novas faixas de transmissão colidam com qualquer outra já existente, que possa ter sido formada no âmbito de outro projeto de desenvolvimento.

O comitê local podia também assumir responsabilidade por conduzir certas tarefas como as relacionadas com temas como conteúdo, a exemplo do que freqüentemente acontece com estações de rádios comunitárias em que o paramédico assume programas de saúde, o professor prepara uma série sobre questões educacionais, líderes cooperativistas rurais mobilizam-se para arranjar informações úteis a pequenos produtores rurais, os líderes jovens se responsabilizam por música e outros tópicos que interessam a seus pares etc.

Simon Batchelor corretamente critica o 'planejamento cebola' e estabelece a diferença entre programas de desenvolvimento que são elaborados a partir de camadas externas às comunidades em vez

¹⁹ As Community Audio Towers (CAT's) nas Filipinas são dirigidas por um Conselho Comunitário de Mídias, constituído de representantes de vários segmentos da comunidade: mulheres, jovens, professores, enfermeiros, autoridades tradicionais, anciãos etc. e funcionam bem. Para mais informação, veja o capítulo em meu livro: *Making waves: participatory communication for social change*, The Rockefeller Foundation, 2001.

de a partir do centro. A arrogante atitude de planejadores que se julgam convencidos de que conhecem mais quanto às necessidades da comunidade tem derivado em décadas de fracassos nesta área.

Isto não quer dizer que a comunidade esteja sempre certa e que sua palavra seja sagrada. Em desenvolvimento, nós usualmente aprendemos a diferença entre as reais necessidades de uma comunidade e as 'necessidades sentidas'. Por exemplo, as comunidades podem facilmente identificar a necessidade de água e estradas, mas não a de imunização e educação (muito menos a de TCI). A palavra chave é diálogo entre a comunidade e os planejadores. Raramente as comunidades são homogêneas ou inteiramente democráticas; como qualquer outro grupo humano, são fraturadas em grupos de interesse econômico e social. O desafio é manter o diálogo através de um democrático processo de participação.

2. O CONTEÚDO LOCAL

Problemas

Tem sido dito e redito: 90% do conteúdo da *World Wide Web* são totalmente estranhos, alheios aos 90% da população mundial. Em termos de 'proporcionar conhecimento aos pobres', o propósito é anulado, a não ser que seja mudada toda a perspectiva. Esta contradição é mais óbvia quando nós consideramos a utilidade da *web* para comunidades rurais no Terceiro Mundo. Estudantes de segundo grau, professores ou profissionais em Islamabad, Rio de Janeiro ou Dakar podem achar a *web* muito útil (principalmente se são fluentes em inglês), mas que dizer sobre uma mulher que trabalha em uma fábrica ou um pobre camponês? O que na *web* a eles interessará? Onde está o conhecimento que eles possam usar para seu próprio benefício?

Do modo como está agora formatado, o conteúdo que pode ser acessado pela Internet é irrelevante para a maioria daqueles que têm sido recentemente colocados em frente de um computador. Eles podem brincar displicentemente como qualquer criança faria diante

de um novo brinquedo²⁰ e aprender como usar a máquina, mas em termos de conhecimento útil para suas vidas muito pouco é tornado disponível.

Uma das ilusões da Internet é que uma vez que ela não tem gerenciamento central, cada qual é livre para formatá-la de acordo com suas necessidades. De fato, a Internet é por demais controlada por normas comerciais. A *World Wide Web* hoje parece muito mais televisão a cabo e por satélite em termos de conteúdo. Anos atrás muitos pensaram que televisão a cabo e por satélite traria melhores opções de programa e mais diversidade de informação ao mundo. Hoje sabemos que ela somente ajudou a impor os pontos de vista hegemônicos, uma imagem de como a vida deveria ser, e um muito estreito modo de olhar a sociedade e a realidade. O resto do mundo apenas aparece como imagens exóticas em documentários científicos e de aventura. As mesmas corporações que regulam o fluxo da informação nos países industrializados e periféricos já capturaram a Internet. Para aterrissar sobre um pequeno oásis de diferença na *web*, tem-se que navegar através dos mais tortuosos labirintos.

Vários informes sobre telecentros ou *multimedia centers* em países da África, Ásia e América Latina indicam que os principais usuários são estudantes ou professores, não os mais pobres da comunidade. Também informam que os principais serviços usados num centro multimídia são telefone, jornais, fotocopiadora, fax e o computador, não a Internet ou a *World Wide Web*. De fato, muitos dos telecentros da África nem mesmo oferecem acesso à Internet. São realmente centros de chamada telefônica, talvez com um ou dois computadores disponíveis para processamento de palavras. Quando disponíveis, estudantes e professores das áreas rurais podem usar a Internet para conversa ou para mandar correio eletrônico (caso tenham com quem se corresponder), mas outros segmentos sociais, que respon-

²⁰ Veja a interessante experiência de *The hole in the wall*, na Índia: crianças são exposta a uma tela de computador e a um *joystick*, sem que recebam qualquer informação sobre como começar a usá-los.

dem pela vasta maioria, aproximam-se do telecentro principalmente para usar os outros serviços oferecidos. Em Bangladesh, o Banco Grameen implantou um programa muito extenso de telefones celulares para vilarejos com o fito de beneficiar as mais isoladas comunidades antes que para estabelecer *booths* baseados em computadores.

Desafios

O desenvolvimento de conteúdo local é a mais importante condição não negociável para o desenvolvimento de TCI's para a mudança social e para o progresso material em comunidades de áreas urbanas ou rurais

O oceano de conhecimento da *web* não corresponde às necessidades da maioria da população. Países diferentes têm necessidades diferentes, e dentro de cada País – particularmente no Terceiro Mundo – a diversidade de culturas e de problemas exige abordagens específicas. Precisamos inventar e multiplicar *mini-networks*, pequenas *web* geográficas, ou 'redes da comunidade local' para fazer a *World Wide Web* realmente *wide* e realmente útil para a maioria dos povos do Planeta.

Repetindo, rádios comunitárias podem muito nos ensinar sobre pertinência local. Somente o desenvolvimento de conteúdos locais pode estabelecer uma diferença radical entre telecentros para usos sociais e os *cybercafe* que atendem a consumidores que já sabem o que, onde e como procurar a informação de que precisam. Os *cybercafes* não precisam fazer um esforço para desenvolver um específico conteúdo porque seus fregueses correspondem ao típico usuário *world wide* da Internet: homem, menos de 35 anos, com educação universitária e alta renda, residente em área urbana e falante do inglês – um membro de uma típica elite minoritária²¹ – para a qual a Internet foi criada.

²¹ NAÇÕES UNIDAS – PNUD, *Human developmente report*, 1999.

Os *cybercafés* apenas oferecem acesso à Internet, enquanto que os telecentros para o desenvolvimento oferecem informação local e regional, tornando-a disponível às comunidades. "Um telecentro bem pode se tornar um auxiliar chave à escola e à clínica, oferecendo educação continuada para professores e agentes de saúde locais (e médicos, se houver)"²²

"Os pobres precisam de acesso a novas e localmente contextualizadas informações, mais do que acesso à informação existente, porém de um contexto externo. As necessidades de informação dos pobres serão atendidas mais por sistemas de informação informal, 'orgânico', do que por sistemas formais baseados em TCI's. Aos pobres falta informação relacionadas ao seu contexto local. Esta pode vir mais de uma interação entre comunidades e membros comunitários do que do típico modelo de transferência de dados do Norte para o Sul baseado em TCI'."²³

Não é difícil antecipar a simbiose entre a rádio comunitária e a Internet. Um punhado de estações de rádio localizadas em comunidades tem tomado a dianteira em tirar vantagens da convergência tecnológica. A Kothmale Community Radio no Sri-Lanka é uma dessas que usam a Internet para atender a pedidos de informação vindos de seus ouvintes. A estação recebe a demanda, faz a pesquisa na Internet, armazena informação de conteúdo relevante à comunidade local e transmite as informações, traduzidas na língua nativa.

3. TECNOLOGIA APROPRIADA

Problemas

Quando pensamos que uma em cada três pessoas em termos mundiais não dispõe de eletricidade, e que água potável é um bem

²² Scott Robinson: "Rethinking telecenters: knowledges demand, marginal markets, microbanks and remittance flows", *Internet magazine*, v.6, n.2 (outono/inverno, 2000), publicação da Internet Society.

²³ Heeks, Richard: "Information and Communication Technologies, Poverty and Development", *Development Informatics*, WORKING PAPER # 5, Institute for Development Policy and Management, 1999.

escasso em várias partes do mundo, somos lembrados de que computadores são um luxo.

A moda é sempre cara, seja ela Versace ou Microsoft. A moda de implantar computadores por todo o mundo é muito cara e está fazendo alguns poucos muito ricos. De quanta e quão sofisticada tecnologia precisamos, por exemplo, em um telecentro rural? Na América Central tenho visto escolas rurais com menos de 100 alunos equipadas com cinco ou seis computadores de último tipo, que são usados em apenas 5% de sua capacidade (e notem que estou sendo generoso). Sempre quis saber que critérios, se é que estes houve, foram usados para determinar que tipo de *hard* e de *software* devia ser comprado.

Rádio e televisão têm também conhecido (e felizmente daí aprendido) as distorções causadas por planejadores que estão mecanicamente aplicando sua experiência na Europa ou América do Norte a países na África ou na Ásia. Meu símbolo pessoal de desperdício e de distorção em termos de ajuda para o desenvolvimento de um projeto de comunicação são os OBV's – gigantescas *vans* para a Transmissão Radiofônica Externa – que em Burkina Faso e em outros países da África nos anos 80 e 90, foram abandonadas em terrenos baldios, com os pneus arriados, quase engolidos pela vegetação circundante. Poucas ainda estavam em condições de trabalho, mas não como unidades móveis, e sim como cabines fixas de transmissão. O propósito relacionado à mobilidade foi anulado. Alguma vez essas *vans* trafegaram através de vias não pavimentadas das áreas rurais? Há certa espécie de megalomania na cabeça tanto de políticos quanto de consultores que impõe tecnologias inapropriadas a países que não as podem mantê-las.

Equipamentos relativos a computadores possuem um período de vida muito limitado; muito mais limitado que os equipamentos de rádio, que podem durar de 10 a 15 anos, às vezes mais. Em menos de cinco anos os computadores têm que ser substituídos, mas muito antes desse tempo seus *softwares* têm de ser re-atualizados. Não porque não mais 'rodem', mas porque a pressão do mercado é

organizada de tal modo que novas versões de *softwares* – muitas vezes com pouquíssimas mudanças em termos de funcionalidade – requerem mais sofisticados *hardwares*, forçando a troca de computadores que, de outro modo, não seriam necessários. Computadores mais velhos se tornam obsoletos de um ano para outro, porque não podem ‘rodar’ os novos *softwares* ou não podem se comunicar com outros modelos mais recentes. Que nível de sofisticação devem ter os computadores colocados nos novos telecentros, especialmente em áreas rurais com pouca ou nenhuma experiência em manusear as novas TCI’s? Que porcentagem da capacidade dos *softs* e dos *hardwares* será realmente utilizada durante os dois ou três anos do período de vida do equipamento? Podem os computadores ser reparados no local? São disponíveis peças de reposição? Onde se pode comprar um computador destinado a durar, antes que a ser logo substituído?

Infelizmente, as políticas de ajuda ao desenvolvimento não seguem nenhum padrão em termos de crítica ou critérios de racionalidade. Uma vez que recursos tenham sido alocados para um projeto, terão que ser gastos: mesmo que isso signifique comprar equipamentos inapropriados. Com atores mais potentes no mundo das políticas de desenvolvimento, como a Open Society (Soros), o Banco Mundial ou a USAID a competirem por território e influência, não podemos ver melhorias a curto prazo; a não ser que outros atores internacionais como a IFRC, a APC, a IICD ou o OneWorld – melhor conhecidos por sua magnitude do que por seus recursos para financiamento – possam positivamente influenciar a tendência geral.

‘Agora a Internet está sendo impelida por forças comerciais, de modo que o setor Internet nos países em desenvolvimento hoje está altamente competitivo, lucrativo e com probabilidades de florescer com ou sem a ajuda de doadores. Demanda suficiente para a Internet existe mesmo nos mais pobres países para fazê-la viável, até mesmo altamente lucrativa, atrativa e venture. Se o mercado está proporcionan-

do um rápido crescimento da Internet, doadores, patrocinadores e ong's devem concentrar-se em garantir acesso e benefícios para os menos favorecidos."²⁴

Desafios

A terceira condição não negociável para as TCI's que objetivem a mudança social é o uso de instrumentos adequados. Tecnologia adequada às necessidades das comunidades não só em termos de padrões técnicos, mas em termos de utilização, conhecimento, saber, e adoção.

Os instrumentos são apropriados quando a comunidade desenvolve um senso de propriedade através de um contínuo processo de 'apropriação' do projeto. Essa apropriação não devia ser entendida como uma simples adoção de tecnologia ou o desenvolvimento de habilidades para manusear *hard e softwares*. A aquisição de habilidades é passo muito importante, mas não essencial. Outras questões são importantes: gerenciamento, produção de conteúdo local, métodos de pesquisa, treinamento e possibilidades de extensão, só para ficarmos com algumas. Por que usar um Rolls Royce para ir até o armazém da esquina para comprar pão, quando uma bicicleta fará o trabalho a contento, além de ser sustentável? Os promotores de TCI parecem não assumir esse conceito, a despeito do fato de que ele está no entorno dos países em desenvolvimento desde os anos 50. A terminologia 'tecnologia apropriada' nasceu após décadas de fracassos em gigantescas instalações ligadas ao desenvolvimentismo que se tornaram elefantes brancos – estruturas vazias e sem uso, que jamais foram postas a trabalhar em benefício das comunidades. Há riqueza de literatura sobre as oportunidades de desenvolvimento perdidas, e a maioria tem a ver com planejamento de cima para baixo com vultosos investimentos.

²⁴ The Internet and Poverty: real help or real hype?, *Panos Media Briefing*, n.28, apr.1998

Como se faria numa pequena estação de rádio, pode ser razoável começar um telecentro ou um centro *multimedia* com os *hards* e os *softwares* básicos, observando nos próximos um ou dois anos se há efetiva necessidade de re-atualizá-los, quer os *softs*, quer os *hardwares* ou a ambos. Uma das vantagens das novas tecnologias é que você tem um enorme espectro de escolhas. Infelizmente, muito poucos planejadores ou consultores externos parecem olhar para elas. Muitos são 'fisgados' pela Microsoft ou por computadores baseados na Intel, e nem mesmo consideram, por exemplo, o SIMPUTER – um computador desenvolvido na Índia para ser vendido a menos de US\$ 200,00, ou o Linux – sistema operacional livre, que pode fazer qualquer computador operar como um servidor. Nada obstante, as necessidades seriam mais sofisticadas no caso de estações de rádio comunitárias em conversão para a Internet. Necessita-se de mais velocidade, melhor conectividade, mais memória e capacidade de armazenamento. Hoje é mais conveniente editar e armazenar programas de rádio digitalmente. E o computador é de enorme auxílio na elaboração (*lay outing*) de greides de programas, evitando o manuseio de cassetes, tapes e CD's. Muitas rádios comunitárias no Terceiro Mundo já adicionaram computadores a seus equipamentos, assim melhorando a qualidade técnica de seu trabalho. Outras já têm *homepages* com informação sobre a programação e mesmo oferecem programas ao vivo ou armazenados através da *web*.

Treinamento apropriado para gerentes de telecentros é pelo menos tão importante quanto o estabelecimento de uma nova *hub* de tecnologia comunitária. Olhando além dos *hardwares*, Royal Colle e Raul Román acham que a maioria do treinamento oferecido ao pessoal operacional dos telecentros não enfoca as questões mais importantes:

“Treinamento para o staff dos telecentros é em grande extensão, voltado particularmente para operar hardware e software de computadores e de redes de telecomunicação. Mais ainda, o treinamento pode ajudar o pessoal de telecentro a alcançar a comunidade e estrategicamente

construir uma clientela que possa fazer um telecentro voltado para as demandas (interativo), o que pode ser a chave para a sustentabilidade. Habilidades como necessidades de técnicas de análise, marketing, métodos de treinamento para usuários potenciais, produção de software e práticas de valor agregado reportam-se a espécies de questões de acessos observadas."²⁵

4. PERTINÊNCIA LINGÜÍSTICA & CULTURAL

Problemas

Há apenas quatro anos, perto de 90% das páginas da *web* (*world electronic broadcasting*) acessíveis pela Internet eram em inglês. Hoje, de acordo com alguns estudos, esta proporção foi reduzida para 50%. Dos 6 bilhões de seres humanos do mundo, apenas 341 milhões falam inglês como primeira língua.²⁶ O espanhol é a língua mãe com 358 milhões de falantes, mas é representada apenas por 5,62% das páginas da *web*.²⁷ Embora o inglês não seja a língua mais falada no mundo, é sem dúvida a mais representada entre os 500 milhões de usuários da Internet, ao ponto de que sítios da *web* em muitos países, não falantes do inglês, da Europa e do Terceiro mundo virem vazados nessa língua.

Contudo, a situação está em rápida evolução. A Internet tem estado a crescer muito mais rapidamente na América Latina do que nos Estados Unidos, e durante os últimos cinco anos tem havido um significativo crescimento no total de conteúdo em espanhol. Isto pode ser um bom sinal para as mais faladas línguas modernas... mas e

²⁵ Colle, Royal D., Raul et Yang, Fang: "Access is more than hardware: building a constituency for telecenters". Cornell University, 27-28

²⁶ *Etnologue* lista 6800 línguas vivas no mundo. O mandarim chinês vem na frente com mais de 960 milhões de falantes como a primeira língua. O hindi é a segunda com 366 milhões; o espanhol é a terceira com 358 milhões e o inglês é a quarta com 341 milhões de falantes (2002).

²⁷ Daniel Pimienta e Benoi Lamey: "Lengua española y culturas hispanicas em la Internet: comparación com el inglés y el francés", outubro 2001, em <http://funredes.org>

quanto às demais? Onde na *web* está o restante das mais de 6 mil línguas do mundo e de que modo muitas vão desaparecer da face da Terra antes que apareçam no *cyberspace*?

Em sua configuração atual, a Internet é uma nova forma de *Apartheid* e isso tem que mudar.²⁸ Quando pela primeira vez usei a palavra *Apartheid* para a Internet por volta de 1998, durante uma discussão por *e-mail*, recebi muitos retornos interessantes. Um participante peremptoriamente asseverou que qualquer pessoa querendo ser parte desta revolução tecnológica, tinha que aprender inglês, porque o inglês era o 'fluido' – o próprio sangue – que fazia a Internet possível. Foi sua resposta à minha declaração de que "a língua oficial da Internet tem se tornado a cor da pele da supremacia cultural, a mais desenvolvida forma de dominação cultural." As coisas têm melhorado desde então, mas não ao ponto de fazer a *World Wide Web* um lugar para diálogo entre as culturas. É ainda um clube muito fechado, com uma clientela de sócios privilegiada.

A língua é apenas a ponta do *iceberg*. A massa oculta deste é a cultura. A rica diversidade das culturas em nosso mundo não está representada na Internet ou na *www*. Nessa linha, a expansão da Internet sob a sua atual forma pode estar contribuindo para o aniquilamento de culturas sub-representadas. Como um relatório da IDRC assinala:

*"O conteúdo, língua, classe e cultura que dominam a Internet podem ter efeitos negativos, gerando uma uniformidade de idéias, preferências e visões de mundo. A ilusão de "maior democracia e pluralidade produzida pela capacidade de interação da Internet pode ser enganadora, se ela, de fato, reforça existentes relações de controle centralizado e dominação na sociedade."*²⁹.

²⁸ Alfonso Gumucio Dagron: "Internet: new Apartheid", em <http://devmedia.org/Papers.cfm?docid=225>

²⁹ Ibid. Ricardo Gómez & Juliana Martinez: *Internet...for what?*

De fato, como sugere Giovanni Sartori, "a despeito de seu grande potencial para alargar o acesso ao conhecimento e para estender o entendimento, a Internet está se transformando o lugar em que pequenos *clusters* de pessoas se juntam para discutir *hobbies* ou interesses comuns. Em resumo, para alguns usuários, o cyberspace é apenas um terrificante lugar para o desperdício de tempo."³⁰

A língua da Internet não é nossa língua. Tome o exemplo da palavra inglesa *free*, que foi corrompida e depois projetada pela Internet em dimensão mundial: *fat free food*, *free gift if you click here*, *free access...* Como se essa palavra tivesse sido criada por mercadores. Muito melhor seria usar a palavra *free* para *freedom*. Liberdade com o fito de tirar vantagem do potencial da Internet para o desenvolvimento e para a mudança social, liberdade para escolher os conteúdos e o uso...

Se a cultura está na alma do desenvolvimento e da mudança social, quão muito mais belo seria, por exemplo, testemunhar a 'Oitava Arte' emergir da Internet, algo tão novo e inovador e culturalmente adaptável, que pode repetir o extraordinário feito das outras sete artes e realmente ajudar na evolução dos valores humanos.

Desafios

Desse modo, a quarta importante condição não negociável para os projetos de TCI no contexto do desenvolvimento e da mudança social, é pertinência cultural e lingüística.

Sem a presença das culturas locais, incluindo a língua, não pode haver possibilidade de as TCI's contribuírem para o progresso das comunidades. Identidade cultural e lingüística está no cerne de qualquer intervenção bem sucedida em TCI.

A história nos tem ensinado que é salutar para as culturas se misturarem e evoluírem através de um processo de diálogo e interação.

³⁰ Giovanni Sartori, *Homo Videns*, Roma: Laterza, 1997. Citado por Ricardo ómez, *ibid*.

Nenhuma grande cultura jamais permaneceu 'pura' e não contaminada. Interações culturais são responsáveis por alguns dos *high lights* do avançar da humanidade. Contudo, a idade eletrônica tornou os termos das trocas culturais muito desequilibrados, tão desiguais como aqueles que caracterizam as modernas trocas comerciais. As regras do jogo são ditadas unilateralmente. Culturas já enfraquecidas e divididas são facilmente varridas pelas vagas do livre mercado. A visão de um mundo onde todos terão acesso aos mesmos *hamburgers* e à mesma água engarrafada, marrom e açucarada, é assustadora, mas é também uma tendência determinada.

Equilibrar a interação cultural no *cyberspace* não é tarefa fácil. Mesmo que cheguemos a um ponto em que sejam produzidas mais páginas da *web*, nós teremos que fazê-las 'visíveis'. A *web* mais parecer um oceano que uma biblioteca. Leva-se muito tempo para 'pescar' a informação adequada, já que a maioria das mais populares máquinas de busca nos trazem apenas as páginas que recentemente tenham muitos *hits*, não necessariamente as melhores páginas sobre um assunto particular. Muitas das páginas da *web* que logo pululam nessas listas são sítios comerciais que pagaram as máquinas de busca para poderem aparecer numa melhor posição no âmbito de um tópico particular. Não é fácil para um sítio da *web*, que use uma linguagem marginal, ser encontrado, mesmo por aqueles que compartilham a linguagem, muito menos se o tema é culturalmente irrelevante à tendência principal em curso.

Esta situação somente terá melhoria se mais e melhores conteúdos locais forem produzidos. Precisamos de centenas de milhares de novas páginas *web* refletindo a diversidade cultural e lingüística, páginas *web* que iluminem a memória das comunidades, sua história coletiva, suas expressões artísticas, passadas e atuais. A rádio comunitária teve esse papel durante as últimas décadas e isso é porque ela é tão importante para que novas TCI's recuperem sua experiência. A convergência entre rádio e Internet proporciona úteis exemplos sobre como criar conteúdo local, relevante para as necessidades locais, mais também à cultura local, e proporciona esse conteúdo nas

línguas nativas. Os Villages Knowledge Centres na Índia, a Kothmale Community Radio no Sri-Lanka e o Pulsar na América Latina são um punhado de experiências a partir de que se pode aprender.

5. CONVERGÊNCIA & EXPANSÃO DAS REDES

Problemas

A partir de um céu azul, projetos sobre TCI são jogados de pára-quedas em lugares onde não há nada em termos de histórias prévias de participação local em iniciativas desenvolvimentistas, nenhuma convergência com outros programas para desenvolvimento e mudança social ou com existentes organizações comunitárias ou mídias enraizadas na massa do povo pobre e nenhuma integração por redes com outros projetos de TCI que compartilhem objetivos similares. Não seria muito mais razoável sempre procurar por alianças institucionais com organizações locais, com os meios de comunicação existentes, como bibliotecas e escolas públicas, com projetos que já estão afetando o tecido social, político e econômico da sociedade?

O estabelecimento de quiosques de TCI ou telecentros, como uma atividade vertical sem nenhuma conexão com outras iniciativas, tem sido questionado em várias oportunidades, mas continuam a acontecer. "É mais benéfico usar TCI's para fomentar práticas existentes do que para promover novas atividades para o propósito primário de usar TCI's. Nessa linha, a criação de telecentros desconectados das organizações e das iniciativas da comunidade envolvente, dificilmente contribuirá para o desenvolvimento."³¹

O isolamento de muitos projetos de TCI de outros similares em seus objetivos e perspectivas pode ser uma das razões de tantos fracassos. Precisamos implodir o conceito ocidental do relacionamento isolado e fechado entre o indivíduo e o computador, e evoluir em

³¹ Gómez, Ricardo & Martinez, Juliana, *ibidem*.

direção a um uso coletivo das TCI's. Muitas vezes projetos de telecentros estão apenas reproduzindo o padrão do individualismo. Pode haver vários computadores e pessoas no mesmo espaço, mas isso não muda nada. Do ponto de vista da sustentabilidade é crucial pensar em termos de uma maior comunidade de redes de usuários com interesses similares.

Vários autores e organizações têm levantado a questão do risco de construir redes que separem os seres humanos. O risco de estabelecer padrões de comunicação que sejam mediados somente por tecnologia e não por valores também tem sido levantado por vários autores e organizações religiosas. "Poderia a *web* do futuro vir a ser uma vasta e fragmentada rede de indivíduos isolados – abelhas humanas em suas 'celas – interagindo com dados em vez de com seus pares? – pergunta o Conselho Pontifício para a Comunicação Social.³² " *Precisamos estar seguros de que a comunidade virtual está a serviço das comunidades reais, não um substituto para elas*" - acrescenta o Arcebispo anglicano de Canterbury, Dr. Georg Carey.

Desafios

Convergência e expansão de redes são condições não negociáveis para uma sustentabilidade de longo termo. Projetos de TCI que sejam convergentes com outros projetos de comunicação, tais como rádios comunitárias, têm melhor chance de ter sucesso, porque estarão herdando uma grande quantidade de experiência acumulada e uma íntegra história de desenvolvimento e participação.

De modo similar, iniciativas sobre TCI que complementem projetos de desenvolvimento social existentes, pelas mesmas razões acima, têm maior probabilidade de serem aceitos pela comunidade e de fortalecer atividades correntes que objetivem a mudança social.

³² Jim McDonnell: Virtual Communities – a comment, *Cine&Media*, 3/2001.

Isto traz à consciência vários exemplos importantes de convergência entre TCI's e existentes instituições e *media* locais. No Peru, a ITDG está apoiando os projetos InfoDes, que estão convergindo com bibliotecas públicas rurais.³³

A convergência entre rádio e Internet é a mais promissora; contudo ela enfrentará diferentes desafios no Terceiro Mundo e nos países industrializados. Como vê Bruce Girard:

*“É claro que a convergência impactará sobre radiodifusoras nos países em desenvolvimento de modo bem diferente do que na Europa e na América do Norte. Enquanto que no mundo desenvolvido há previsões de que novos **media** e a Internet podem cedo se tornar substitutos para serviços de radiodifusão e sistemas de distribuição, nos países em desenvolvimento isso não acontecerá em futuro previsível. O rádio continuará a ser o mais importante **medium** para a grande maioria dos habitantes do Planeta e a televisão continuará a ter uma forma reconhecível nos primeiros anos do século XXI.*³⁴

As escolas são uma outra importante plataforma para o desenvolvimento de TCI's não só porque elas existem mesmo nas mais remotas áreas rurais de nossos países, mas também porque em termos de habilidades, professores e estudantes, têm mais probabilidade de adotar novas tecnologias. É importante, contudo, garantir a interação com a comunidade como um todo, para evitar a criação de uma estrutura fechada disponível apenas a pequenos grupos privilegiados.

Se o que estamos procurando é o fortalecimento desenvolvimentista para a mudança social, a convergência entre ong's relacionadas às TCI's e ao desenvolvimento tem imenso potencial. Muitos

³³ Mais informação sobre InfoDes em *Making waves: participatory communication for social change*, by Alfonse Gumucio Dagron, em www.infodes.org.pe

³⁴ Girard Bruce, *Converging responsibility, broadcasting and the Internet in developing countries*, in www.comunica.org.

têm atinado com isso e já estão desenvolvendo um punhado de valiosas experiências. Não nos estamos referindo a ong's que se equipam com computadores e conectividade para melhor desempenharem suas tarefas; aí não há mais alto objetivo. O real desafio é usar as TCI's como outro instrumento no trabalho desenvolvimentista, como o M.S. Swaminathan Research Foundation (MSSRF) está fazendo em Chennai, na Índia. O projeto ultrapassa de longe o objetivo de proporcionar computadores e conectividade a comunidades pobres: ele tem a importante componente de desenvolver conteúdos locais em centros para a agregação de valor, e possibilitar aos usuários livre acesso à informação que realmente tenha a ver com suas necessidades. O Village Knowledge Centres é um bom exemplo tanto de instrumentos convergentes quanto de expansão de redes no nível local.

Essas redes estão sendo chamadas "redes cidadãos", embora possam incluir muito mais que áreas urbanas ou cidadãos de uma nação particular. É assim que Steve Cisler as define: "Que são redes cidadãos? Projetos relacionados à tecnologia Internet que beneficiam pessoas como cidadãos antes que como consumidores, projetos que ajudam a que grupos marginalizados tenham maior controle sobre suas existências e até mesmo dão a eles um mais forte senso de identidade. Redes Cidadãos são sobre inclusão e sobre como a tecnologia pode ser usada para objetivos democráticos e para o desenvolvimento econômico."³⁵

No mesmo artigo, Cisler menciona Manuel Castells, que acredita que em nossas globalizadas e crescentes redes mundiais está um elemento-chave para a construção de instituições sociais; Castells é positivo quanto ao crescimento de redes comunidade/cidadãos nos anos 90 e antevê uma sociedade civil interagindo e agindo através de redes.

³⁵ Cisler, Steve. *Global Congress of Citizen Networks*, Buenos Aires, Argentina. Dez. 2001, in home.inreach.com/cisler/ba.htm

Last but not least

Estou ciente do potencial da Internet para o desenvolvimento porque eu sou um dos privilegiados no mundo que: 1) tenho eletricidade; 2) tenho linha telefônica; 3) tenho um computador; 4) tenho o suficiente para pagar meu provedor Internet; e 5) leio e escrevo em inglês. Contudo, eu não preciso de nenhuma espécie de Internet e isso é precisamente o que temos agora, nenhuma espécie, o que está existindo agora tendo pouco a ver com a vasta maioria dos povos do mundo. O mesmo para a televisão, quantidade parece reinar sobre qualidade.

Está se tornando crescentemente crucial definir projetos de comunicação para o desenvolvimento e mudança social e impedir o reino da confusão com as *comercial ventures*. As cinco condições não-negociáveis acima podem facilitar a tarefa.